

## Literatura e gênero: vetores para a formação do leitor

9

Cecil Jeanine Albert Zinani\*

**Resumo:** *O mágico de Oz*, obra de L. Frank Baum, muito embora tenha sido escrita no fim do século XIX, permanece atuando sobre o imaginário infantil cem anos depois. Centrado na personagem feminina, o texto não só desconstrói os estereótipos do conto de fadas tradicional, ao relativizar o papel da bruxa, que pode ser boa ou má, como também garante o estatuto de herói para uma personagem infantil do gênero feminino. Nessa perspectiva, este trabalho pretende discutir qual é a representação de gênero veiculada pelas personagens femininas, fundamentado em estudos de crítica feminista.

**Palavras-chave:** *O mágico de Oz*. Gênero. Leitor infantil.

**Abstract:** *The wizard of Oz*, by L. Frank Baum, in despite of having been written in the late XIX century, remains performing an important role in the children imaginary after a hundred years. Centered on the feminine character the text deconstruct traditional fairy tells stereotypes when relativizes the witch role, which can be good or bad, and also guarantees a hero status to a female child book character. In this perspective the paper intends to discuss which genre representation is taken by female characters based on feminist critic studies.

**Keywords:** *The wizard of Oz*. Genre. Child reader.

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e pesquisadora no Programa de Mestrado em Letras e Regionalidade e no Curso de Letras da UCS.

## Introdução

Historicamente, a literatura infantil caracterizou-se por veicular paradigmas de comportamento cuja finalidade era apresentar ao leitor infantil um padrão de família, de escola e de sociedade, o qual contribuísse para a manutenção do modelo ideológico dominante. Um dos suportes da sociedade patriarcal consistia na perpetuação das diferenças relacionadas ao gênero, uma vez que considerava a mulher o aspecto acessório que deveria orbitar em torno da figura masculina, centro desse universo. Nessa perspectiva, a criança, tal como a mulher, detinha um papel secundário, totalmente inexpressivo, por isso é um ser que precisa ser ensinado, a fim de perpetuar o sistema vigente. No entanto, obras escritas desde o fim do século XIX procuram desconstruir essa representação, dando voz à criança e possibilitando a sua identificação, entre elas está a obra *O mágico de Oz*.

Na introdução à obra *O mágico de Oz*, Baum enfatiza a importância para as crianças da fantasia veiculada pelos contos de fadas tradicionais. Ao mesmo tempo, ressalta que todas aquelas personagens estereotipadas, fadas, gênios, bruxas, pertencem ao domínio do histórico, constatando também a necessidade de modernizar a literatura infantil, através da eliminação de episódios cruéis e sangrentos, ilustradores de uma moralidade indesejável para os tempos modernos (fim do século XIX e início do século XX), substituindo-os por relatos de aventuras, nos quais as crianças encontrem divertimento. A partir das considerações do autor, observa-se que a modalidade de literatura preconizada não somente altera o estatuto de herói, na medida em que atribui à criança a função de protagonista da história, sublinhando uma trajetória plena de peripécias com a possibilidade de a personagem infantil atingir a sua emancipação, como também desenvolve um modelo com o qual as crianças podem se identificar. Essa nova perspectiva implica, entre outros fatores, a desconstrução do padrão de bruxa, que não mais traz consigo, necessariamente, uma imagem negativa. Outro aspecto interessante da obra de Baum, além de colocar como personagem principal uma criança, consiste em ser essa criança do gênero feminino, numa época em que as mulheres tinham pouca visibilidade como protagonistas de ações efetivas. Considerando aportes da literatura infantil e da crítica feminista, o propósito deste estudo é discutir a representação de gênero manifesta pelas personagens femininas na obra *O mágico de Oz*, de Baum, contribuindo para a formação de um leitor crítico.

## Situação da literatura infantil no fim do século XIX

A literatura infantil é um gênero, relativamente, recente, cujo início está relacionado à instituição do conceito de infância, que ocorreu com o advento dos tempos modernos. Os textos, hoje considerados literatura para crianças, circulavam oralmente entre a população, incluindo-se aí os infantes que se distinguiam dos adultos apenas em relação ao tamanho. Essa modalidade de literatura passou a existir, na realidade, quando se constituiu a família moderna, durante o Século das Luzes, e a infância foi reconhecida como uma etapa diferenciada da vida. (ZILBERMAN, 1982).

Caracteriza essa modalidade literária a presença da fantasia, considerada elemento imprescindível, materializada em fadas, duendes, varinhas mágicas, lâmpadas maravilhosas. A fantasia, de acordo com pesquisadores de vertente psicanalítica (BETTELHEIM, 1980; VON FRANZ, 1990), é fundamental para o desenvolvimento infantil, na medida em que possibilita a solução de problemas próprios do desenvolvimento e da integração da personalidade. Pesquisadores de vertente sociológica (RICHTER; MERKEL, 1993) defendem a adequação dos contos à infância, uma vez que auxiliam na elaboração de um esquema compreensível do mundo; no entanto, também enfatizam a possibilidade de realização de desejos e projetos através do sonho, o que lhe empresta uma índole escapista.

Incorporada à escola, essa literatura teve acentuado o seu pendor pedagógico, sendo utilizada a fim de veicular normas comportamentais ou linguísticas a serem seguidas pelas crianças agora transformadas em alunos. Dessa maneira, foi realçado o seu caráter exemplar na consolidação de valores burgueses, ao mesmo tempo que eram menos considerados os valores estéticos, o que configura a literatura infantil como uma arte menor, em consonância com o tamanho de seu recebedor. Entretanto, essa perspectiva pode ser modificada, quando a literatura infantil não somente se limitar à reprodução da ótica do adulto, mas também estabelecer um pacto com a criança, o que possibilitará a ordenação de sua pequena experiência de mundo e a expansão de seu universo cognitivo. Essa modalidade de literatura supre a necessidade de ficção, veiculando fantasia e criatividade, ao mesmo tempo que promove o acesso ao real, não mais com a preocupação pedagógica, informativa, mas possibilitando uma experiência de vida de caráter formativo.

Como em sua origem o conto era relatado para adultos, é natural que as personagens, normalmente, fossem adultos, desempenhando papéis de cunho maniqueísta, em que o herói está, primeiramente, à mercê das forças do mal, para, depois, ser resgatado pelas forças do bem. Depois da metade do século XIX, as crianças começaram a ser incluídas como protagonistas, é o caso de obras como *Alice no país das maravilhas*; *As aventuras de Tom Sawyer*; *Pinóquio*, sinalizando importantes transformações na literatura infantil e juvenil que passou a se caracterizar pelo predomínio da aventura; questionamento do maniqueísmo, com a relativização de valores; presença de jogos de palavras e do *nonsense*, como em *Alice*, do espírito aventureiro e transgressor, como em *Tom Sawyer*; redimensionamento da temporalidade que se tornou contemporânea; e reavaliação do papel do adulto, que deixa de ser o único protagonista. Essas transformações viabilizaram a realização de textos com elevada qualidade literária, com os quais a criança e o jovem podiam se identificar. É nessa vertente que se insere o texto de Baum, *O mágico de Oz*, escrito em 1900, portanto, no último ano do século XIX.

### Situação da mulher no final do século XIX

No fim do século XVIII, Mary Wollstonecraft já clamava sobre os direitos das mulheres, na obra *Vindication of the rights of women*, traduzida livremente por Nísia Floresta com o título *Os direitos das mulheres e as injustiças dos homens*, reivindicando a possibilidade de educação para as mulheres, a fim de que elas se tornassem melhores esposas, mães e donas de casa. Na época em que Baum produziu o seu livro, os avanços nos temas defendidos por Wollstonecraft não eram muito notáveis, apenas alguns países já haviam reconhecido o direito ao voto, e a mulher começava a ser incorporada à força de trabalho em algumas profissões, muito embora houvesse grande discriminação em relação ao homem. Essa discriminação refletiu-se não só no encaminhamento da mulher para atividades menos prestigiadas, como também na defasagem salarial que podia ser observada, quando representantes de ambos os gêneros exerciam funções idênticas. (SAFFIOTI, 1979). Também Moi (1988) assinala que, nos séculos XIX e XX, as figuras femininas que se envolveram na campanha pela abolição da escravidão perceberam que as mesmas estratégias utilizadas para escravizar os negros eram empregadas para oprimir as mulheres. Além disso, na luta pelos direitos civis, os abolicionistas, tanto brancos quanto

negros, “se negaban a extender sus ideales en el caso de la opresión de la mujer”. (p. 35). Somente foi registrada uma mudança significativa após os anos 60 do século XX, quando as mulheres passaram a questionar o patriarcalismo e a defender os ideais políticos com os quais estavam comprometidas.

Movimentos sociais que se desenvolvem no século XIX defendem a justiça e a igualdade, por esse motivo são favoráveis aos pleitos das mulheres, que começaram, embora tardiamente, a se organizar em grupos para reivindicar suas prerrogativas, buscando, especialmente, igualdade no mercado de trabalho e nos direitos políticos, daí a luta das sufragistas pelo voto feminino. No entanto, algumas mulheres que detinham grande visibilidade na época, tais como Mme. de Staël, George Sand e Flora Tristan não participavam de movimentos feministas, preferindo defender seus pontos de vista particulares.<sup>1</sup>

Beauvoir destaca, nesse contexto, o pensamento de Proudhon por seu posicionamento antifeminista, já que as únicas alternativas que reserva às mulheres são dona de casa ou cortesã; assim, a verdadeira mulher deve ser “escrava e espelho do homem”. Esse autor considera as mulheres inferiores física, moral e intelectualmente, aplicando uma fórmula matemática para indicar a proporção de inferioridade: “Seu valor é no conjunto  $2 \times 2 \times 2$  contra  $3 \times 3 \times 3$ , ou seja,  $8/27$  do sexo forte.” (BEAUVOIR, 1985, p. 147).

A imagem de mulher do fim do século XIX, a partir do modelo androcêntrico, tem na obra de Michelet, publicada em 1859, o seu mais prescritivo retrato: submissa, recatada, trabalhadeira, especialmente submissa. Como personagem literária, a mulher obedece a uma representação idealizada, positiva ou negativa, refração do papel desempenhado por ela na sociedade. Porém, nesse período, já muitas estavam se apropriando da escrita, publicando obras, quer com pseudônimos, quer utilizando seus próprios nomes. Muito embora um número significativo de obras apresentasse qualidade literária, foram colocadas à margem do cânone, tendo sido esquecidas, mas sendo, hoje, objeto de resgate e estudo de pesquisadores da área de gênero.

---

<sup>1</sup> Ao historiar os movimentos feministas, Beauvoir (1980, p. 147) afirma que “as mulheres mais inteligentes da época [século XIX] permanecem afastadas desse movimento”.

Outra vertente de estudos de gênero, nos estudos literários, consiste em examinar a representação de mulher veiculada pela literatura, independentemente da autoria, verificando em que medida são mantidos ou subvertidos os estereótipos através dos quais a mulher é representada. Em *O mágico de Oz*, é dada voz a uma criança do gênero feminino, e a antagonista também é uma mulher. O objeto de busca, o mágico, que, em tese, poderia sanar as carências dos amigos, é um homem destituído de atributos positivos de masculinidade e também de magia, uma vez que não passa de um farsante. Dessa maneira, é sob o enfoque de gênero que será estudada a obra destacada.

### Trajetória de Dorothy

*O mágico de Oz* foi publicado em 1900, mas seu sucesso foi tão grande que o autor continuou a publicação das aventuras até o ano de sua morte, 1919, mantendo algumas personagens e o mesmo cenário. Embora o mágico nomeie a obra, a personagem principal é uma menina, Dorothy, que é levada por um ciclone, juntamente com o seu cãozinho Totó, para a Terra de Oz.

A proeminência de gênero instaura-se na chegada de Dorothy a Oz. Ao abrir a porta, a menina percebe que se aproximam quatro figuras, três homens e uma mulher, sendo a figura feminina a apoderar-se da palavra, interpelando a menina e designando-a como “nobre Feiticeira”, porque, ao cair com sua casa, havia destruído, acidentalmente, a Bruxa Malvada do Leste, libertando o povo Munchkin da opressão exercida pela poderosa figura. As mulheres são, portanto, as personagens que detêm o poder, o que é relativizado, uma vez que Oz é considerado um lugar não civilizado, pois, segundo a Bruxa Boa do Norte, “a Terra de Oz nunca foi civilizada, porque estamos desligados do resto do mundo”. (BAUM, 2001, p. 10). Dessa maneira, a lógica que preside Oz não é a lógica do mundo civilizado; assim, é possível atribuir poder às mulheres sem causar estranhamento.

A presença do fantástico e de seres maravilhosos é um dos traços que caracterizam a literatura infantil; no entanto, muito embora essa obra apresente esses elementos, constata-se a ruptura dos estereótipos de gênero, na medida em que discute o papel de bruxas e fadas a partir do esquema maniqueísta que atribui às bruxas a maldade e a bondade às fadas. Essa renovação do gênero está de acordo com os pressupostos de

literatura infantil preconizados pelo autor. No relato, a maldade e/ou a bondade das bruxas é definida pelo espaço geográfico que ocupam e pelo adjetivo: Leste/Oeste – Bruxas Más; Norte/Sul – Bruxas Boas. O questionamento do fantástico é realizado por Dorothy, garota que mora no Kansas, Estados Unidos, lugar cinzento e sombrio, propenso a ciclones, portanto, pouco adequado à imaginação e à fantasia. Além de discutir sobre o fato de as bruxas serem ou não malvadas, questiona a existência delas, pois, de acordo com sua tia Emily, todas as bruxas eram malvadas e já haviam morrido há muito tempo. Considerando que o Kansas é um lugar civilizado, a Bruxa Boa atribui à civilização o desaparecimento dos seres fantásticos, o que remete à dicotomia civilização/primitivismo, com a valorização do natural, do primitivo. O cruzamento dos conhecimentos originários do mundo concreto e civilizado – Kansas, Estados Unidos – e do universo imaginário e primitivo – Terra de Oz – produz uma mescla produtiva de realidade e fantasia, adequada ao desdobramento da aventura, que se realiza no mundo fantástico, mas tem como objetivo o retorno ao mundo real.

As personagens femininas são Dorothy e as Bruxas, as demais são masculinas: o mágico, o Lenhador de Lata, o Espantalho e o Leão. O Lenhador de Lata e o Espantalho representam o mundo rural, espaço de Dorothy, enquanto o Leão tipifica o lugar do primitivo, do selvagem. É a menina quem lidera o grupo que se dirige à Cidade das Esmeraldas, a fim de encontrar Oz e suprir as carências de cada um: o Lenhador quer um coração; o Espantalho deseja um cérebro; o Leão precisa de coragem, e Dorothy só quer voltar para casa. Muito embora morasse num lugar feio e cinzento, no interior dos Estados Unidos – tio Henry e tia Emily eram fazendeiros no Kansas –, em contraste com a beleza e o colorido da Terra de Oz, a busca de Dorothy orienta-se no sentido de regressar ao lar, que, embora feio e cinzento, torna-se o melhor lugar do mundo. Mas, para conseguir seu objetivo, a menina precisa ultrapassar diversos obstáculos – provas iniciatórias que se constituem em rito de passagem para o herói –, cuja superação possibilitará que ela se constitua como ser humano autônomo e independente e atinja seus objetivos.

A menina inicia o trajeto com seu cachorrinho, e, durante o percurso, vão sendo agregadas as personagens masculinas. Essas personagens não se constituem como adjuvantes da protagonista, uma vez que todos estão em busca da solução de seus problemas. No entanto, com o desenrolar da narrativa, o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão demonstram possuir os predicamentos que buscam: o Espantalho

é muito inteligente, pois as melhores ideias para resolver os problemas são dele; o Lenhador é sensível e educado, emocionando-se facilmente; e o Leão defende o grupo quando é necessário. Inclusive Dorothy, já no início da aventura, apodera-se dos elementos necessários à realização de seu desejo, o retorno ao lar. Da Bruxa Malvada do Leste, a menina herda os sapatinhos prateados que têm o poder de conduzi-la a casa, o que só será revelado, no fim da história, pela Bruxa Boa do Sul, Glinda. Também recebe o beijo da Bruxa Boa do Norte, espécie de proteção contra os perigos que irá encontrar pelo caminho.

O mágico, na perspectiva do imaginário do núcleo central de personagens, era muito poderoso e bondoso. Na Cidade das Esmeraldas, é considerado terrível, assustador, no entanto, ninguém jamais o havia visto, por isso, cada um dizia que ele possuía um aspecto diferente. Para o povo de Oz, o mago possuía poderes protêicos, uma vez que poderia assumir a forma que desejasse. Para Dorothy, apareceu como uma cabeça enorme; para o Espantalho, como uma mulher de grande beleza; para o Lenhador de Lata, como uma besta terrível; e para o Leão, como uma bola de fogo. Oz se dispõe a conceder os pedidos dos amigos, se eles matarem a Bruxa Má do Oeste. A solicitação não deixa de ser intrigante, considerando sua situação de mágico poderoso, no entanto, explica-se no momento em que a farsa é revelada.

Depois de realizar a tarefa, os amigos retornam para exigir o cumprimento da promessa, descobrindo que o mágico é um impostor, é apenas um balonista de Omaha (Estados Unidos) que trabalhava num circo e se perdera durante um voo. Embora tente explicar que não tem poderes mágicos, não podendo, portanto, atender aos pedidos, os amigos insistem em receber as suas prendas, o que leva o mago a improvisar soluções que transformem a autoimagem de cada um. Na realidade, todos eram detentores das qualidades que julgavam não possuir, apenas necessitavam de um reforço externo que lhes desse autoconfiança para enfrentar e vencer os obstáculos que a vida coloca no caminho de todas as pessoas. Esse papel é desempenhado pelo mágico que aproveita a oportunidade para questionar o exercício da magia, considerada por ele mesmo como uma grande farsa. Para Dorothy a solução é mais complicada, uma vez que não se trata de reforçar uma qualidade que ela já tenha, mas de possibilitar seu retorno a casa. O auxílio vem de outra entidade mágica, a Bruxa Boa do Sul, que revela o encantamento dos sapatinhos.

O mágico de Oz pertence ao mesmo universo de Dorothy e poderia ser o adulto que viabiliza a solução do problema da criança. No

entanto, a história coloca em xeque tanto o papel do adulto quanto o poder do mágico, visto que se utiliza de artifícios para impressionar Dorothy e seus companheiros. Desmascarado, não consegue auxiliar a menina, que permanece na busca, encontrando, finalmente, o auxílio de que necessita em Glinda, outro adulto, mas agora uma mulher. Na realidade, as crianças carecem da orientação do adulto, porém devem ser incentivadas a buscar as próprias soluções, restringindo-se essa interferência, de maneira que elas consigam desenvolver as habilidades imprescindíveis para lidar com as diferentes situações que a vida apresenta.

### Conclusão

O gênero feminino desempenha um papel muito importante na narrativa: além de ser uma menina a personagem principal, são as mulheres que contribuem para que ela obtenha sucesso em seu empreendimento: da Bruxa Malvada do Leste herda os sapatinhos encantados que lhe possibilitam o retorno ao lar; da Bruxa Boa do Norte recebe a sugestão de procurar Oz para solucionar seu problema e o beijo que vai protegê-la contra os perigos da jornada; a Bruxa Boa do Sul, Glinda, revela o poder dos sapatinhos, o que vai possibilitar à menina a realização de seu maior desejo – voltar para casa.

Numa época em que as mulheres tinham pouca representatividade, a narrativa de Baum causa certo estranhamento. Se for considerada a categoria ser humano, constata-se que o polo positivo é representado, exclusivamente, pelo gênero feminino. Na categoria não humano, representada pelos amigos de Dorothy e pelas Bruxas Boas, há equilíbrio entre os gêneros, no polo positivo. Dessa maneira, o universo feminino apresenta uma visibilidade incomum para a época. Provavelmente, o início do novo século que estava sendo prenunciado já apontava para transformações que iriam ocorrer nos tempos que estavam por vir, entre eles o reconhecimento e a valorização da criança e da mulher. Dessa maneira, a apresentação de obras que desconstruam os estereótipos de gênero e de infância e que deem voz à criança contribuem para desenvolver a criticidade e o gosto pela leitura.

## Referências

- BAUM, L. F. *O mágico de Oz*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 1. Fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FRANZ, Marie-Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulus, 1990.
- MICHELET, J. *A mulher*. São Paulo: M. Fontes, 1995.
- MOI, T. *Teoría literaria feminista*. Madrid: Cátedra, 1988.
- RICHTER, Dieter; MERKEL, Johannes. A função da fantasia dos contos de fada na educação burguesa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 113-130, set. 1993.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.